

À PROCURA DA HISTÓRIA FEMININA

(Haveria uma história específica, quase desconhecida, exclusiva da metade feminina da humanidade?)

Desidério Aytai, antropólogo

ESTA REPORTAGEM é o resultado de uma entrevista com o Prof. Desidério Aytai, antropólogo, médico e engenheiro, nome internacional nos meios científicos, dedicados ao estudo das Ciências Sociais.

— “Qual a pessoa que não se lembra da aridez dos livros clássicos de História, mesmo de Plutarco e Heródoto, ou dos cronistas medievais, cujas doutrinas foram estudadas com tanto esforço e logo esquecidas? Pois, estes livros — diz o Dr. Aytai, são histórias da humanidade, de grupos humanos maiores ou menores, mas não são histórias universais porque tratam de aspectos específicos dos acontecimentos. Principalmente, contam as guerras, as conquistas, as derrotas, e na melhor das hipóteses, relatam a vida de um rei ou de uma família destacada da época”.

“O interesse por outros aspectos da vida humana deve ter existido desde os tempos mais remotos, mas este interesse não foi satisfeito pelos historiadores, até os tempos modernos. As primeiras histórias não especializadas em guerras, foram, talvez, as histórias de Arte, de Literatura de Música, e neles o homem moderno descobriu um novo mundo, cheio de interesses intelectuais novos, excitantes.

Ocorreu-nos, então, uma pergunta: “Será que os problemas especificamente femininos não teriam, ou não poderiam ter no futuro, sua história escrita? Será que a História de toda a Humanidade não poderia, um dia, ser escrita sob o ponto de vista de uma mulher? Imaginem a esplêndida perspectiva do mundo visto por olhos de uma adolescente, de uma esposa, de uma avó!”

“Procuramos esta história feminina na literatura moderna, e não a achamos. É claro que não nos interessam os livros do tipo de “Grandes Mulheres Brasileiras da época Colonial”. Não queremos ler a vida de heroínas, imperatrizes, guerreiras, mas estamos à procura de acontecimentos, de per si, interessantes às mulheres. Por exemplo, não estamos interessados na descoberta das Ilhas do Pacífico porque estas podem formar parte de um império de ultramar, ou porque elas podem fornecer óleo de palmeira para as nossas indústrias. Mas porque possibilitaram a que Margaret Mead e Cora Dubol descobrissem os costumes na educação de crianças nestes povos primitivos, e assim nos transmitissem informações importantes.

A MULHER NAS GRANDES CRISES DA HUMANIDADE
“Temos de começar a nossa história em épocas há muito tempo passadas — explica o antropólogo Aytai, tão remotas que para o não especialista os números de anos nada dizem: entre 500 mil e um milhão de anos atrás.

Nossa espécie, o Homo Sapiens, não existia ainda, mas existiam várias formas semi-humanas, que tendo deixado, há muito tempo, os hábitos puramente vegetarianos, e se tornado carnívoras, competiam entre si pelo espaço e pela caça. Estas formas e seus descendentes estão extintos hoje, com exceção de uma única, que se tornou o Homo Sapiens, isto é, o gênero humano. O homem ancestral, o semi-homem, perdeu seus agudos dentes caninos, mas formou sua inteligência. Em, talvez, meio milhão de anos, ou pouco mais, o cérebro humano dobrou de tamanho.

O cavalo levou uns dez milhões de anos para reunir seus dedos separados em um único casco. O homem duplicou seu cérebro na vigésima parte deste tempo.

Mas este desenvolvimento revolucionário do cérebro acarretou um perigo mortal. O desenvolvimento do cérebro tinha de ser iniciado, e parcialmente terminado durante a vida uterina, isto é, antes do nascer do cérebro humano teve de enfrentar o problema com o aumento de sua bacia óssea. E uma bacia fraturada significava morte certa em condições primitivas. Então, o cérebro humano teve de se desenvolver no período após o nascimento, isto é, na

infância, que teve seu tempo aumentado. O homem duplicou sua infância, tornando-se auto-suficiente muito mais tarde.

— Entre os animais nunca nasce um filhote enquanto o anterior estiver precisando da ajuda materna. **A incompatibilidade entre o número necessário de filhos para a sobrevivência da espécie e a infância muito longa da criança foi o segundo desafio provocado pelo crescimento da inteligência humana.**

E a protagonista desta segunda crise também foi a Mulher.

INSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA

A espécie não achou a solução no campo biológico. Ocorreu um fato inédito: a cultura interferiu e criou a instituição da família. Obrigou, por tradição ensinada, e não com instinto inato, o pai e marido a tomar interesse prolongado em sua mulher e filhos para a defesa da espécie. Foi a Cultura e não a Biologia que garantiu a sobrevivência de nossos antepassados.

A pré-história humana possui episódios interessantes do ponto de vista puramente feminino. Portanto, antes de se escrever a História feminina cumpre narrar a sua Pré-História.

C. P. — Os povos primitivos possuem leis de proteção à mulher?

Dr. Aytai — Sim, possui leis muito rigorosas; uma destas, de valor universal, é a proibição do incesto. Daí se deriva a maior proteção da filha contra seu pai e seus irmãos. São de finalidade similar as regras referentes à residência dos

recém-casados. O direito do divórcio, os regulamentos relativos à herança são outras tantas leis existentes entre primitivos e civilizados”.

A MULHER NOS POVOS PRIMITIVOS

— Para qualquer grupo humano — prosseguiu o Prof. Aytai — todas as outras sociedades são inferiores. Esta atitude chama-se Etnocentrismo, e povo algum escapa aos seus equívocos. É consequência do pensamento etnocêntrico a crença de que na maioria das outras sociedades, especialmente nas culturas primitivas, a mulher seja apenas uma escrava.

C. P. — Tal conceito existe até nas caricaturas, não é mesmo, Professor?

Prof. Aytai — De fato, até nos desenhos animados e nas caricaturas vemos o homem primitivo arrastando pelos cabelos sua mulher, e espancando-a. Mesmo cientistas do começo do século julgavam polígamo o homem primitivo, negando os laços permanentes entre os cônjuges, e os conceitos morais do matrimônio e da família.

C. P. — Mas, o conhecimento do homem pré-histórico não pode ser completo, pode?

Prof. Aytai — Na verdade, não pode. Jamais poderemos possuir informações completas sobre a vida familiar do homem pré-histórico. Sem documentos escritos toda tradição matrimonial do homem primitivo deve ter desaparecido. Mas pelo raciocínio, chegamos a algumas conclusões. **FAMÍLIA MONOGÂMICA**

C. P. — A família primitiva era poligâmica?

Prof. Aytai — Não. Com toda a probabilidade, as primitivas famílias humanas eram monogâmicas. Em nível sub-humano encontramos também famílias monogâmicas, com exceção do bugio, cujas fêmeas vivem em harém.

— E no que se refere à duração destas uniões, elas são, nas palavras de um cientista americano, bem mais permanentes do que os matrimônios de Hollywood.

Na dura luta pela sobrevivência é mais do que provável que um homem não pudesse alimentar várias esposas. Só os excepcionalmente fortes e hábeis poderiam se dar ao luxo de possuir duas ou mais esposas.

DIREITOS FEMININOS ENTRE OS PRIMITIVOS

“Pesquisas têm provado que entre os chamados povos primitivos atuais os direitos das mulheres não são inferiores aos dos homens.

Foram encontradas sociedades nas quais o homem tem o direito de expulsar sua mulher do lar, mas estas sociedades formam minoria.

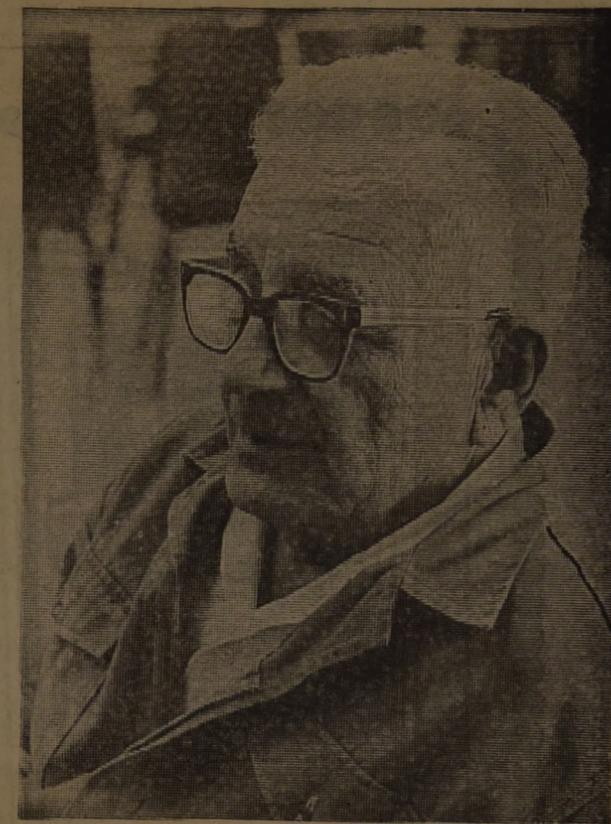
Mas, em muitas sociedades a mulher tem o direito de abandonar o lar com seus filhos e com todos os objetos de sua propriedade; e existem povos que permitem que a mulher expulse, sem maiores explicações, o seu marido, que, voltando à casa, encontra seus objetos diante da choupana, e deve pegá-los e desaparecer para sempre”.

ENTRE NOSSOS INDIOS

Tendo realizado numerosas visitas de longos meses a diversas comunidades indígenas do interior brasileiro, para estudar-lhes os costumes e a língua conhe-

ce o Prof. Aytai muito de perto tais assuntos. Ele explica-nos que “além de pescadores e caçadores, nossos índios plantam milho, mandioca, abóbora, amendoim e fumo, e que o trabalho da lavoura é exemplo perfeito da distribuição das tarefas. O homem derruba o mato, queima o capim, e os arbustos menores, mas a plantação de sementes é feita pela mulher, bem como a colheita. Tudo é regulamentado pela tradição.

“Trançar cestas, construir choupanas, preparar alimentos e adornos são trabalhos feitos tanto por homens como por mulheres. E em várias ocasiões — conta o Prof. Aytai — pude observar profundos sentimentos entre os cônjuges indígenas. Os índios da tribo Sararé mostram com orgulho as mulheres e os filhos. Um índio Mamaindé de seu conhecimento, tendo perdido a mulher, negou-se a casar-se segunda vez, enfrentando a vida difícil de um índio solitário. O choro da mulher xavante esperando a volta do marido, ausente em longa caçada, é sempre um espetáculo de profundo sentimento e beleza, dando ao nosso antropólogo a Certeza da Igualdade Básica de todos os Homens sobre a Face da Terra.



Dr. Desidério Aytai, antropólogo, fala ao CORREIO POPULAR sobre a situação da Mulher na sociedade primitiva

Pequenas propriedades receberão verba para Reflorestamento

O maior convênio para reflorestamento em pequenas e médias propriedades rurais — Cr\$ 77 milhões — foi assinado, em São Paulo, pelo Secretário da Agricultura, Paulo da Rocha Camargo durante cerimônia realizada no Salão Nobre da Secretaria.

O programa do IBDF atende a determinação do II PND, dentro da portaria interministerial 934/76, que determina sistema de reposição florestal para material lenhoso consumido por indústrias cerâmicas, olarias, padarias e estabelecimentos congêneres, objetivando economia de combustível.

São Paulo é o décimo-segundo Estado onde o programa será implantado, e o que reúne maior volume de recursos, os quais devem ser reaplicados na própria unidade da Federação onde o material lenhoso é consumido.

Esses Cr\$ 77 milhões que o IBDF (Instituto Brasileiro de

Desenvolvimento Florestal) repassará à Secretaria da Agricultura são destinados ao pequeno e médio proprietário rural, de forma a permitir o reflorestamento que lhe possibilite material lenhoso e madeira para construções rurais, além de visar o aspecto conservacionista.

Ainda, esse volume permitirá o plantio de 33 milhões de essências florestais em 15 mil hectares de terras ociosas no Estado, contribuindo para empregar e fixar nas suas respectivas regiões um total de 8 mil famílias.

PROGRAMAS

A cerimônia de assinatura contou com a presença do secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, Paulo da

Rocha Camargo; do presidente da Sociedade Brasileira de Silvicultura — Sérgio Lupattelli (entidade que na sua luta muito tem contribuído para o reflorestamento) e do presidente do IBDF, Paulo Berutti.

Paulo Berutti, presidente do IBDF assinalou que a extensão do reflorestamento em pequenas e médias propriedades rurais atende aos propósitos conservacionistas de enriquecimento da flora, conciliando esse objetivo com os de ordem econômica pela substituição da utilização de combustível por larga faixa de usuários. Sérgio Carlos Lupattelli, presidente da Sociedade Brasileira de Silvicultura, afirmou que a

medida é da mais alta importância: além de “conscientizar o proprietário rural da necessidade de manter florestas em sua propriedade, para atender necessidades próprias e, também, para suprir o fornecimento dessa carente matéria-prima que é a madeira, tão necessária à indústria básica de transformação”.

Para evitar a DESIDRATAÇÃO as principais medidas são: água fervida e esfriada para beber; alimentos protegidos contra as moscas; roupas leves nos dias quentes; evitar permanência das crianças muito tempo ao sol.



TELETRA

ENGENHARIA E MONTAGENS LTDA.

Está uma beleza a coleção

OUTONO / INVERNO :